

© Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve

Director: Manuel Célio Conceição

Comissão Científica:

Ana Isabel Soares – Universidade do Algarve  
António Branco – Universidade do Algarve  
Fátima Freitas Morna – Universidade de Lisboa  
Fernando Gonçalves - Universidade do Algarve  
José Joaquim Dias Marques – Universidade do Algarve  
Josefina Prado – Universidade de Huelva  
Manuel Célio Conceição – Universidade do Algarve  
Maria de Lurdês Cabral – Universidade do Algarve  
Pedro Ferré – Universidade do Algarve

Comissão Redactorial:

Adriana Nogueira  
Isabel Sabido  
Joaquim Guerra  
Maria da Conceição Bravo  
Susana Mendonça

ISSN 1645-2429

Depósito Legal 170247/01

Tiragem: 250 exemplares

Composição: Nuno Vieira

Concepção e preparação da capa: Nuno Vieira

Impressão: Gráfica Comercial - Loulé

Edição: Departamento de Letras Clássicas e Modernas & Centro de Estudos Linguísticos e Literários  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
Universidade do Algarve  
Campus de Gambelas  
8005-139 Faro  
Portugal  
e-mail: [questão@ualg.pt](mailto:questão@ualg.pt)

Publicação apoiada por:

# QUESTÃO

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E MODERNAS  
E DO CENTRO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS

Nº 1 (2004)

Director: Manuel Célio Conceição

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
Universidade do Algarve

### Recensão a:

Nuno Júdice, *O estado dos campos*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2003.

João Minhoto Marques  
FCHS – Universidade do Algarve  
[jmarques@ualg.pt](mailto:jmarques@ualg.pt)

Em *O estado dos campos*, o mais recente volume de poesia de Nuno Júdice, pode o leitor habitual deste poeta reencontrar a voz que se interroga e reflecte acerca da natureza da arte, da literatura, e, especificamente, da poesia. De facto, ao longo das quase nove dezenas de poemas que constituem a obra, são múltiplas as referências histórico-culturais (à pintura, à música, à literatura, à religião...), tomadas frequentemente como objectos de apropriação do discurso poético, num registo a que nem sempre é estranha a ironia.

Talvez seja justamente neste sentido que deva ser tomado o título do livro: tendo em conta a memória de uma tradição literária assente no bucolismo, *O estado dos campos* propor-se-ia como uma actualização de certos elementos constitutivos do código daquele — a começar pelo acto de manifestar um certo sentido, decorrente de um “novo dicionário” configurador da visão moderna do campo. Encontramos, assim, por um lado, “o campo [que] é uma enciclopédia: / as árvores são compêndios, cujas significações / contam as virtudes, os males e o destino do homem; / os trilhos que esperam a semente descrevem / o processo da génese e do fim do mundo; as próprias / flores são emblemas de um sonho de beleza que / podemos reduzir à poesia, ou a uma imagem de / natureza morta” (p. 30) — crença antiga nas possibilidades da representação artística, na manifestação e descoberta do sentido, olhada com o desassombro da modernidade; encontramos, por outro lado, “um campo em que nada quer dizer / nada disto” (*idem*). Esta última proposta de outra visão (do campo, como de outros objectos) assenta, deste modo, num processo de desilusão; e em face do que “nada quer dizer”, resta construir um mundo novo, estatuído numa espécie de real transfigurado (consequência do esforço despendido na tentativa de o tomar na sua impossível literalidade), no qual habita ou a imagem da mulher, por vezes a sua memória, ou uma história de amor, em que o eu continua a participar: “Ai, as árvores alinham-se para que / eu passe contigo, até à clareira onde os canaviais / e os arbustos nos abrigam. O vento não é outra coisa / senão o sopro que te anima o rosto, quando sacodes / da testa os cabelos.” (*idem*). Isto não significa que estejamos perante uma concepção ingénua do mundo ou do amor; pelo contrário, trata-se do desejo de superar a informada, dolorosa consciência do legado da modernidade. Depois das lições de Cesário, de Álvaro de Campos (aliás citado na epígrafe do poema “Arredores”), e, sobretudo, de Alberto Caeiro, determinar o *estado dos campos* implica reconhecer a impossibilidade da representação destes, a sua irredutibilidade ao sentido, à imagem, restando a solidão de quem procura no interior da própria literatura: “Hoje, já não sei onde se escondem essas mulheres, / nem há quintas e hortas em Lisboa; mas ficaram os poemas / que ainda me levam a passear às quintas e hortas que já não existem, / onde apanho couves e ordenho ovelhas por entre prédios / e automóveis” (pp. 90-91). Já não se trata de assinalar a existência de uma brecha entre texto e real; trata-se de optar pela ilusão, porque se sabe que o mundo se tornou inalcançável.

Este modo de sinalizar a ausência essencial toma, no presente volume de Nuno Júdice, a forma do que podemos considerar uma espécie de paródia bucólica — tão mais actuante e notável quanto se institui por contraponto à tradição clássica do

bucolismo. A designação de género é, aliás, explicitamente invocada nos títulos de dois poemas (“Bucólica com ícones e anjos”: pp. 61-63; “Bucólica com retrato de mulher”: pp. 138-139), — o primeiro dos quais (juntamente com “Arredores” — pp. 90-91) se poderá ler como exemplo de um quase antibucolismo. De facto, a utilização da ironia subverte o âmbito de um típico quadro bucólico, substituindo-se o elemento tradicional por uma alternativa moderna: “e ela fala-me das ovelhas — e de / como só bebia leite natural, nada de pacotes, fervido ali mesmo, / à saída da teta. Digo-lhe que não gosto desse leite; (...) / (...) o único leite que tenho para beber é o de / pacote, ultra pasteurizado, coisa que muito irritaria a lou, como se / o destino do mundo dependesse de quem ordenha as ovelhas, no campo” (pp. 62-63). Em relação ao segundo dos textos citados (“Bucólica com retrato de mulher”), a natureza é tomada retoricamente como elemento feminino, objecto do amor do eu, tornando-se adjacente ao corpo da mulher ou sinalizando-a metaforicamente; trata-se, sobretudo, de um “retrato de mulher” (parecendo o poema trabalhar a inversão dos termos do título), a que a bucólica vem conferir a sugestão natural, num registo erótico, como se pode verificar, por exemplo, na primeira estrofe (“A camisola que te cobre o pescoço, e deixa / os braços nus, é como este campo: terra que / sai do inverno e reverdece, com os pássaros / e a luz da manhã. Quero entrar nela, enter- / rar-me nas suas grutas, nas cavidades onde / a sombra é mais doce (...)” — p. 138) e, igualmente, na terceira: “Bebo-te o vinho de um fulgor matinal, / percorrendo o caminho dos teus lábios de / erva (...)” (*idem*).

Esta busca (e encontro) do amor não se limita, em *O estado dos campos*, aos textos em que a natureza é predominante; ela está igualmente assinalada em poemas mais acentuadamente auto-reflexivos. De facto, perante a desordem do mundo, não é apenas a poesia que funciona como elemento regulamentador e condição de beleza; a imagem feminina, desempenhando funções semelhantes, institui-se, aos olhos do eu, como princípio superante das contradições: “(...) também esse caos se dissipa no instante / em que o teu rosto se liberta da noite (...) / (...) E a contradição resolve-se (...)” (p. 22). Esta “libertação” corresponde a uma dimensão simbólica, inerente ao texto poético, conferida embora pelo poeta. De facto, quando considerado do ponto de vista das regras da arte, ao tu é conferido um estatuto de similitude face aos restantes elementos constitutivos do real: ele serve de “ponto de partida” (p. 20) para a instituição da poesia. É nesta que reside, apesar de tudo, o dizer que lhe é próprio (quase sentido possível), e só nesta terá lugar o amor que resgata (por vezes, pela memória) o poeta. A imagem e a metáfora só funcionam como tal no interior do poema, dotadas de relativa autonomia, mas sugerindo uma significativa (que não real) ligação à vida: “(...) é o poema que dá uma / outra forma ao amor, ao campo, às aves ou ao que tu me disseste, / como se não fosse preciso mais do que isso para que a vida / possa continuar” (p. 21).

Na verdade, a relação entre o real e a poesia afigura-se complexa, merecendo a esta última ampla reflexão. Por um lado, o mundo (e, especificamente, a natureza) é resistente ao conhecimento, embora permita que o grau dessa resistência seja determinado: “O agrónomo conhece o estado dos campos, / o mês em que a seada ameaça as videiras (...) // (...) // O que ele não sabe é para onde correm / estas nuvens; nem o peso de água que elas / levam (...)” (p. 37); por outro lado, havendo que ter em conta os “obstáculos que a realidade nos coloca” (p. 27), e sabendo que a “perfeição nasce das frases que o verso trabalha” (*idem*), a poesia parece emancipar-se, uma vez que “a / imagem adquire uma beleza própria, que foge / à própria fonte” (*idem*). Porém, em face do objecto representado (por exemplo, um “retrato de mulher à luz da tarde” — cf. pp. 26-27), a opção da poesia é a fuga para fora de si própria, como se ainda fosse possível a existência de um exterior; neste sentido, o discurso poético pensa-se como teoria e é nesse condição que se auto-rejeita, contemplando a “vida” e perpetuando o

amor: “são-me indiferentes os problemas que se / colocam ao poeta (...). Puxo-te / pela mão — e saímos da moldura, para dentro da vida” (p. 27).

De facto, o que em *O estado dos campos* reiteradamente se afirma, enquanto se exhibe um processo de atento exame da poesia, é a necessidade de o poema ter “de obedecer às imposições do amor” (p. 154). Na árdua tarefa de cumprir este programa tem a obra de Nuno Júdice vindo a prosseguir a sua vocação, num constante exercício de rigor, ocupando desde há mais de três décadas um importante lugar na nossa modernidade literária; o seu mais recente livro de poemas contribui decisivamente para consolidar esse lugar.